

A Representação da Ideologia No Estado Novo A Partir De Uma Análise Semiótica¹

Lorenzo Boaventura LUZARDO²
Marcelo da Silva ROCHA³
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

O presente trabalho possui como tema a representação da ideologia no Estado Novo (1937-1945) – período da história política brasileira caracterizado pela ditadura instaurada por Getúlio Dornelles Vargas – a partir de uma análise semiótica. Objetiva investigar essa representação em seus elementos semióticos, articulada à teoria social-crítica de Thompson. Para tal, utiliza, como objeto de análise, a cartilha “A Juventude No Estado Novo”, criada e distribuída pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) aos jovens nas escolas. O aporte teórico do trabalho apropria-se, sobretudo, dos estudos de Charles Sanders Peirce sobre semiótica e de John B. Thompson sobre os modos operacionais de ideologia. Desse modo, articula as teorias e cria uma metodologia aplicável à cartilha, permitindo análise e conclusões acerca de seus propósitos.

Palavras-chave: Getúlio Vargas; Semiótica; Ideologia; Estado Novo

INTRODUÇÃO

Na história brasileira, há poucos líderes que, mesmo enquanto desempenhavam um papel autoritário, foram aclamados pelo povo – mais importante que isso, aclamados por diversas fatias do povo, do pobre ao rico. Esse é o caso de Getúlio Dornelles Vargas. Dentre tantos epítetos pelos quais é reconhecido, Vargas foi “pai dos pobres e mãe dos ricos”. Tal fato é um dos principais incentivadores desta pesquisa, pois ser “pai” das classes desfavorecidas e “mãe” da elite leva a interpretar que o governante obteve êxito em agradar todas as classes – algo que, atualmente, revela-se como uma realidade distante no Brasil. Suspeita-se que, para ter atingido esse objetivo, o presidente contou, além de suas táticas governamentais, com propaganda estratégica relacionada a elas, buscando firmar-se como um governante que enxergava a todos, mesmo enquanto ditador. Todavia, isso ainda não foi

¹ Trabalho apresentado no II 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduado do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Unipampa, e-mail: luzardolorenzo59@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Unipampa, e-mail: marcelorochoa@unipampa.edu.br

investigado de um ponto de vista semiótico – o que, por sua vez, reforça a importância da pesquisa realizada.

Nesse sentido, este trabalho tem, como objetivo geral, investigar a representação da ideologia do Governo Vargas no Estado Novo (1937-1945) em seus elementos semióticos, articulada à teoria social-crítica de Thompson. Mais especificamente, a partir da análise da cartilha “A Juventude No Estado Novo”, criada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – órgão responsável pelo controle da comunicação durante o período – e distribuída, durante toda a ditadura, nas escolas para os jovens.

Justamente pelo fato de o objeto de estudo ser constituído por imagem e texto – o que o torna dotado de diversos sentidos a serem interpretados – observou-se a necessidade da utilização do método semiótico para a execução da pesquisa. A semiótica de Charles Sanders Peirce é, então, aplicada às imagens e textos com o intuito de analisá-los. Em consonância à semiótica, a cartilha é, também, analisada de um viés ideológico, a partir de John B. Thompson. Utiliza-se dos modos operacionais de ideologia, pertencentes aos estudos do autor, articulados em perspectiva semiótica às imagens constitutivas da cartilha, a fim de perceber que representações ideológicas são, nela, semioticamente expressas.

1. Peirce e as relações triádicas dos signos

Para o semioticista Charles Sanders Peirce, todo signo segue um padrão triádico de correlações sucessivas que ocorrem a partir do nível mais abstrato para o mais concreto. Com o intuito de categorizar os inúmeros fenômenos do mundo, amarrando-os à forma humana de significá-los, Peirce “desenvolveu uma fenomenologia de apenas três categorias universais que chamou de Firstness, Secondness e Thirdness, traduzidas por primeiridade, secundidade e terceiridade” (NÖTH, 2005, p. 63). É a partir dessas categorias que é possível compreender como se dá o sistema de signo na perspectiva peirceana.

Primeiridade é, então, “a categoria do sentimento imediato e presente das coisas, sem nenhuma relação com outros fenômenos do mundo” (NÖTH, 2005, p. 63). Pode, nesse sentido, ser entendida como uma primeira impressão – afirmação, essa, corroborada pela afirmação de Peirce (apud NÖTH, 2005, p. 63) de que esta “é a categoria do sentimento sem reflexão, da mera possibilidade, da liberdade, do imediato, da qualidade ainda não distinguida e da independência”. A secundidade, por sua vez, “começa quando um fenômeno primeiro é relacionado a um segundo fenômeno qualquer” (NÖTH, 2005, p. 64). Por fim, a terceiridade “é a categoria que relaciona um fenômeno segundo a um terceiro” (NÖTH, 2005, p. 64).

Começa a ficar perceptível, a partir do esclarecimento desses conceitos, como se dá o padrão sucessivo de correlações que levam ao entendimento do que é um signo. Tais conceitos são de fundamental importância para os objetivos deste trabalho, à medida que são o alicerce da classificação peirceana dos signos.

Peirce classificou os signos a partir de três tricotomias, estabelecendo relações específicas entre primeiridade, secundidade e terceiridade dentro de cada uma. Ressalta-se, neste ponto, que, dentre as três tricotomias criadas, este trabalho utiliza apenas da segunda como ferramenta para análise da cartilha. “Os três elementos que a compõem são determinados conforme as três categorias fundamentais. São eles, o ícone, o índice e o símbolo” (NÖTH, 2005, p. 78).

Sendo ícone, índice e símbolo os elementos componentes da segunda tricotomia, faz-se necessário compreendê-los, a fim de esclarecer como são aplicados na análise do objeto de estudo. Ligado diretamente à primeiridade, o ícone é “um signo cuja qualidade significativa provém meramente de sua qualidade” (PEIRCE apud NÖTH, 2005, p. 78). Ou seja, a iconicidade de um signo “inclui “similaridade” entre relações abstratas e homologias estruturais” (NÖTH, 2005, p. 80). Como já explicitado, a primeiridade pode ser entendida como uma primeira impressão. Por esse mesmo motivo, o ícone – que dela participa – corresponde, no âmbito da segunda tricotomia, ao “fragmento de um signo mais completo” (PEIRCE apud NÖTH, 2005, p. 78). Tal signo, por sua vez, será constituído também pelo índice e pelo símbolo – ligados, respectivamente, à secundidade e terceiridade.

O índice participa da secundidade uma vez que corresponde à relação segunda que é realizada logo após a primeira impressão instituída pelo ícone, conforme aponta Nöth ao afirmar que o índice “é um signo que estabelece relações diádicas entre representamen e objeto” (2005, p. 82).

Participando da categoria de terceiridade dentro da segunda tricotomia, há o símbolo.

A relação entre representamen e objeto é arbitrária e depende de convenções sociais. São, portanto, categorias da terceiridade – como o hábito, a regra, a lei e a memória – que se situam na relação entre representamen e objeto. Na definição peirceana, “um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota, em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais (NÖTH, 2005, p. 83).

Logo, o símbolo é a ideia sucessória final, definida arbitrariamente, que conclui o entendimento de um signo na segunda tricotomia de Peirce. A partir desta tricotomia e dos

preceitos que a envolvem, a cartilha é analisada semioticamente a fim de buscar entender como a ideologia – a partir de Thompson – está nela representada por meio de seus signos.

2. John B. Thompson e os modos operacionais de ideologia

Analisa-se, neste trabalho, a representação da ideologia presente em uma cartilha distribuída aos jovens durante a Ditadura Vargas. Para isso, são abordados os modos de operação da ideologia, apresentados e descritos por John B. Thompson, articulados em perspectiva semiótica às imagens constitutivas da cartilha, a fim de perceber que representações ideológicas são, nela, semioticamente expressas. Para Thompson, o conceito de ideologia é visto não a partir de concepções neutras, definidas por tentarem “caracterizar fenômenos como ideologia, ou ideológicos, sem implicar que esses fenômenos sejam, necessariamente, enganadores e ilusórios, ou ligados com os interesses de algum grupo em particular” (2002, p. 72). Mas, sim, a partir de concepções críticas:

Diferentemente das concepções neutras, as concepções críticas implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia – ou como ideológico – é enganador, ilusório ou parcial; e a própria caracterização de fenômenos como ideologia carrega consigo um criticismo implícito ou a própria condenação desses fenômenos (THOMPSON, 2002, p. 73).

De acordo com a perspectiva do autor, a ideologia mantém, primeiramente, relação direta “com as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder” (THOMPSON, 2002, p. 75). Pode-se, disso, inferir clara proximidade entre as teorias. O autor corrobora essa afirmação ao dizer que estudar a ideologia “é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2002, p. 76). Thompson apresenta e descreve cinco modos operacionais de ideologia, a seguir aduzidos.

2.1 Ideologia como legitimação

O primeiro modo é a legitimação, que se apoia no fato de caracterizar uma determinada ação ou medida – a exemplo do âmbito político – como justificável. Thompson reitera essa ideia ao dar o exemplo de que “relações de dominação podem ser estabelecidas e

sustentadas, como observou Max Weber, pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio” (2002, 17 p. 82).

2.2 Ideologia como dissimulação

O segundo modo operacional apresentado é a dissimulação. Conforme a própria expressão sugere, ele consiste em “disfarçar” em algum ponto uma determinada situação. “Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção [...]” (THOMPSON, 2002, p. 83). Esse modo pode ser visto como um recurso para caracterizar um determinado discurso ou medida – em geral, radical – como benéfico, através da figurativização da linguagem.

2.3 Ideologia como unificação

A unificação é o terceiro modo de operação da ideologia apresentado pelo autor. Tal qual Nöth traz o signo, na visão de Peirce, como algo que “depende de convenções sociais” (2005, p. 83), a ideologia como unificação dá-se “através da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los” (THOMPSON, 2002, p. 86). Os conceitos conversam entre si ao passo que a unificação necessita, para obter êxito, identificar um símbolo comum – ou seja, uma convenção social – a todos aqueles que ela pretende unir.

2.4 Ideologia como fragmentação

Em caminho oposto ao do modo anteriormente apresentado, o quarto *modus operandi* da ideologia é a fragmentação. Relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, “mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador” (THOMPSON, 2002, p. 87). A fragmentação, por sua própria natureza, pode ser amplamente utilizada em um cenário político.

2.5 Ideologia como reificação

O quinto e último modo operacional da ideologia é a reificação, que consiste em retratar processos “como coisas, ou como acontecimentos de um tipo quase natural, de tal modo que o seu caráter social e histórico é eclipsado” (THOMPSON, 2002, p. 87). Ao acontecer este processo, a reificação e seus recursos “concentram a atenção do ouvinte ou leitor em certos temas com prejuízo de outros” (THOMPSON, 2002, p. 88). É como se um acontecimento ocorresse por si só, sem agentes que o tenham desencadeado.

3. O Estado Novo: uma breve contextualização

Não se pode falar da ditadura de Getúlio Dornelles Vargas sem, antes, levar em consideração os períodos de 1930 a 1934, “quando, pelas armas, assumiu a presidência da República” (PANDOLFI, 1999, p. 9), e de 1934 a 1937. Nesse último, “parlamentares escolhidos pelo voto direto promulgaram uma Constituição e elegeram o então chefe do governo provisório – Getúlio Vargas – para a presidência [...]” (PANDOLFI, 1999, p. 9). A partir da efetivação da Constituição de 1934, ficava, de acordo com Dulce Pandolfi, decretado que “o mandato presidencial teria a duração de quatro anos, não sendo possível a reeleição” (1999, p. 9). Vargas teria que deixar, obrigatoriamente, a presidência em 1938.

O clima político do país tornou-se extremo com a instalação de um governo constitucional. Utilizando essa justificativa, Getúlio passava a tomar medidas mais radicais e repressivas, as quais deram abertura ao que, posteriormente, culminou no golpe que deu origem ao Estado Novo. O presidente anuncia, então, em 10 de novembro de 1937, “uma nova fase política e a entrada em vigor de uma Carta constitucional elaborada por Francisco Campos” (FAUSTO, 2012, p. 200). A ditadura de Getúlio Dornelles Vargas havia sido instaurada.

4. A cartilha “A Juventude No Estado Novo”: uma metodologia para análise

A cartilha “A Juventude No Estado Novo” foi um material elaborado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – órgão “criado no final de 1939 em substituição ao anterior Departamento de Propaganda e de Difusão Cultural” (NETO, 2013, p. 300). Era de sua alçada o controle da comunicação e, dentre suas funções, uma das mais importantes era a promoção do Governo Vargas, juntamente à repressão exercida sobre todo e

qualquer conteúdo que fosse chegar ao povo. O DIP “expandiu consideravelmente o controle do Estado sobre as comunicações, ao contar com cinco divisões específicas – Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Turismo e Imprensa” (NETO, 2013, p. 300).

A cartilha – semelhante a uma revista – era distribuída aos jovens nos colégios, e apresentava informações sobre o presidente e as benesses da ditadura, contendo imagens e textos em todas as páginas. Seu conteúdo é constituído por ilustrações diversas, as quais trazem a figura do jovem – ligada à da pátria –, além de ícones da história brasileira, a exemplo de Tiradentes e Duque de Caxias. O próprio presidente também é representado nas imagens da cartilha, interagindo com os jovens, com o povo e no cumprimento de seus deveres como líder da nação. Cada uma das imagens é acompanhada de pequenos textos do presidente – extraídos de discursos, manifestos e entrevistas à imprensa – os quais buscam complementar o sentido do que está sendo representado imagetivamente.

Determinadas páginas do documento são, neste trabalho, analisadas em viés ideológico e semiótico, de modo que ambas as teorias articulam-se e possibilitam entender como a ideologia do Estado Novo era representada semioticamente na cartilha a fim de sustentar as relações de poder desse período político.

Haja vista que a metodologia estabelecida para a execução da análise fundamenta-se nas áreas da semiótica e da ideologia, e que as páginas da cartilha são analisadas em seus aspectos imagéticos e textuais, faz-se necessário, neste ponto do trabalho, o esclarecimento do modo como a análise, de fato, ocorrerá. A cartilha tema deste trabalho é composta por, exatamente, vinte e uma páginas, excluindo-se capa e contracapa. As páginas possuem imagens e textos que se complementam entre si e buscam gerar um determinado sentido na mente do receptor. A partir desses determinados sentidos que as páginas evocam, criaram-se quatro categorias que abrangem os diferentes intuitos presentes nas páginas da cartilha, apresentadas na tabela abaixo em ordem alfabética.

Tabela 1 – CATEGORIZAÇÃO DAS PÁGINAS DA CARTILHA

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Heróis da Pátria	Nessa categoria, estão contempladas as páginas que trazem, de algum modo, a figura de personagens históricos que podem ser considerados heróis da pátria.
Imagens do Presidente	Essa categoria engloba todas as páginas em que há a presença de Getúlio Vargas nas ilustrações.

Moral e Bons Costumes	Todas as imagens que denotam padrões de “bom comportamento” e de “atos morais louváveis” correspondem a essa categoria.
Pátria/Civismo	Essa categoria abrange as páginas da cartilha que trazem, de algum modo, a presença de símbolos da pátria e da civilidade.

Fonte: Autoria própria

Uma página de cada categoria é analisada. A ordem da análise dá-se de acordo com a ordem alfabética das categorias anteriormente descritas. A imagem e o texto de cada página são interpretados, em um primeiro momento, individualmente. Após, são correlacionados e analisados, conforme a metodologia previamente estabelecida, em perspectiva semiótica e ideológica, a fim de identificar qual dos cinco *modus operandi* de ideologia estão sendo expressos na respectiva página e como isso ocorre semioticamente.

5. Imagem, texto, semiótica e ideologia: a análise da cartilha “A Juventude No Estado Novo”

5.1 A categoria “Heróis da Pátria”

Esta categoria corresponde às páginas da cartilha que trazem, de algum modo, a representação de personagens históricos que podem ser considerados heróis da pátria. Engloba as páginas 3, 14, 15, 18 e 19; e as páginas 1 e 21 (que abrem e encerram o conteúdo da cartilha). Analisa-se, nesse ponto, as páginas de número 1 e 21 da cartilha.

Figura 1 - imagem constitutiva das páginas 1 e 21 da cartilha



Fonte: Museu Getúlio Vargas (2018).

Diferentemente das demais páginas da cartilha, as páginas 1 e 21 possuem um objetivo em especial: iniciar e encerrar o processo de leitura. Por esse mesmo motivo, pode-se afirmar que elas estão entre as páginas mais importantes do material. Não possuem texto, mas trazem, estrategicamente, a presença da figura histórica de Duque de Caxias.

Nesse sentido, a representação do militar nas páginas pode ser interpretada, em perspectiva semiótica, como ícone, índice e símbolo simultaneamente. Como ícone, ao passo que ele é representado como figura histórica exemplar. Ao mesmo tempo, é também um índice daquilo que o Estado Novo pregava como alguns de seus pontos centrais: disciplina e culto à pátria – visto que ele foi um militar empenhado para com o Brasil. Ou seja, ao iniciar e encerrar o conteúdo da cartilha com a presença do Duque, o DIP buscou, por meio dos índices que podem ser atrelados à figura do grande militar que ele foi, reforçar os valores da ditadura varguista.

O aspecto simbólico de sua representação, no entanto, é o mais importante a ser analisado. Duque de Caxias é conhecido historicamente como “O Pacificador” – devido a sua luta e posição contrária às revoltas separatistas no Brasil do século XIX – e como o “Duque de Ferro” – o que, por sua vez, o torna símbolo de um ideal de coesão da República. Indiretamente, ao abrir e fechar o ciclo de leitura de uma cartilha que fala sobre Getúlio Vargas, transfere-se, em certo nível, a simbologia presente na figura do militar para a figura do presidente – ficando, assim, claros os porquês de sua presença no material.

Além do contexto semiótico, é possível perceber que a presença de Duque de Caxias objetiva endossar o conteúdo da cartilha, legitimando, assim, o presidente, e buscando tornar suas ações dignas de apoio geral. Por esses motivos, pode-se concluir que o modo de operação da ideologia presente nas páginas 1 e 21 da cartilha é a legitimação.

5.2 A categoria “Imagens do Presidente”

Essa categoria corresponde, conforme explicitado na tabela, a todas as páginas da cartilha em que há a presença de Getúlio Vargas nas ilustrações. O presidente aparece nas páginas de número 11, 12 e 17. Analisar-se-á, desta categoria, a página de número 11, apresentada na figura abaixo.

Figura 2 - página 11 da cartilha



Fonte: Museu Getúlio Vargas (2018).

No texto: “Crianças! Aprendendo, no lar e nas escolas, o culto da Pátria, trarei para a vida prática todas as probabilidades de êxito. Só o amor constrói e, amando o Brasil, forçosamente o conduzireis aos mais altos destinos entre as nações, realizando os desejos de engrandecimento aninhados em cada coração brasileiro.”.

Têm-se, no sentido imagético, em primeiro lugar, duas representações que constituem a ilustração: a imagem das crianças e a imagem do presidente, com elas interagindo. No sentido textual, há um breve parágrafo que trata de questões educacionais atreladas ao amor pelo Brasil, ressaltando o quanto esse sentimento patriota pode levar ao engrandecimento do país e da nação. Todavia, analisando-se a página, respectivamente, em perspectiva semiótica e ideológica, é possível observar a presença, em forma de ícone, da bandeira nacional, visto que está representada em forma e semelhança. As crianças, ao estarem uniformizadas, são assim retratadas na intenção de explicitar, por meio de suas vestimentas, a posição de estudante à qual pertencem. O uniforme atua, então, como índice de igualdade, padronização e, por extensão, coesão e cimento social, além de complementar o sentido do texto, que trata de educação. Ainda nesse sentido, ao passo que há, na imagem, uma criança uniformizada segurando a bandeira do Brasil, esses elementos icônicos e indiciais conversam, intencionalmente, com a segunda frase do parágrafo: “Aprendendo, no lar e nas escolas, o culto da Pátria [...]”.

Existe, porém, um elemento simbólico ainda mais persuasivo na ilustração: a presença de Getúlio – mais que isso, a presença de Getúlio fazendo carinho em uma criança. É nesse ato que reside o referido elemento simbólico. Carinho é, por convenção social, símbolo de

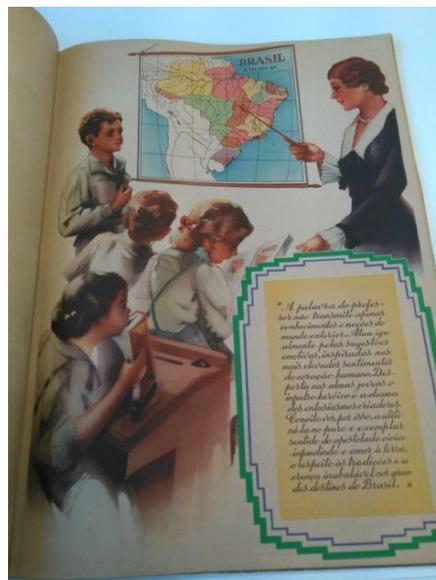
gentileza, sobriedade, dedicação. Ao representar Vargas dessa maneira, a ilustração agrega tais características à imagem do presidente, agindo também como índice de suas qualidades. Ou seja, há a interação entre símbolo e índice, com o objetivo de transpassar a ideia de um indivíduo bondoso, carismático e preocupado com o futuro.

Nas entrelinhas do que se expressa semioticamente nessa imagem, opera uma ideologia baseada em construir unidades que interligam indivíduos, que buscam caracterizar uma identidade coletiva. São exemplos disso a bandeira nacional – ou seja, a pátria como elemento de união – e o próprio uniforme das crianças, além do texto, que ressalta os “desejos de engrandecimento aninhados” no coração de todos os brasileiros. Logo, dentre os modus operandi de ideologia, é seguro afirmar que a unificação predomina na página 11 da cartilha “A Juventude No Estado Novo”.

5.3 A categoria “Moral e Bons Costumes”

Esta categoria corresponde às páginas da cartilha que, de algum modo, denotam padrões de “bom comportamento” e de “atos morais louváveis” e é contemplada pelas páginas 4, 7, 8, 9, 10 e 13. Destas, analisa-se a página de número 7.

Figura 3 - página 7 da cartilha



Fonte: Museu Getúlio Vargas (2018).

No texto: “A palavra do professor não transmite apenas conhecimentos e noções do mundo exterior. Atua igualmente pelas sugestões emotivas, inspiradas nos mais elevados sentimentos do coração humano. Desperta nas almas jovens o impulso heróico e a chama dos

entusiasmos criadores. Concito-vos, por isso, a utilizá-la no puro e exemplar sentido do apostolado cívico – infundindo o amor à terra, o respeito às tradições e a crença inabalável nos grandes destinos do Brasil.”.

A imagem constitutiva da página 7 ilustra, literalmente, uma sala de aula formada por alunos dedicados, que prestam atenção aos ensinamentos da professora. O texto ratifica a imagem, trazendo, em suas palavras, a valorização do professor e o caráter de amor e dedicação inerentes à profissão. Todavia, em uma perspectiva semiótica, é possível perceber que cada detalhe da imagem foi composto a fim de fazer alusão – a partir de um cenário ligado à educação e ao bom costume do estudo disciplinado – aos ideais de Getúlio Vargas e do Estado Novo. O Brasil, representado pelo mapa de seu território, é trazido como ícone. As crianças, na escola, devidamente uniformizadas, são, mais uma vez, índice de unidade, disciplina e coesão social.

Os aspectos icônicos e indiciais da imagem refletem, de maneira intencional, elementos referentes a conceitos que constituem as bases da ditadura de Vargas: como ordem e pátria. Mas é nos aspectos simbólicos da página que reside a principal produção de sentido de seu conteúdo – mais especificamente, nas ações que as crianças representadas realizam e no tema da aula dada.

A aula é sobre o Brasil, e crianças, atentas, aprendem sobre o país. Desse modo, simboliza-se a valorização do aprender sobre o lugar em que se vive – afinal, conforme afirma o texto, Getúlio e a educação do Estado Novo transmitem a vontade de aplicar o aprendizado adquirido, acima de tudo, ao Brasil, com “respeito às tradições” e “crença inabalável” no país. Uma das crianças acompanha, com dedicação, seu livro didático, simbolizando a disciplina amiúde pregada pela ditadura. Outra, de pé, parece estar sendo questionada pela professora sobre o conteúdo da aula. Ao somarem-se tais elementos, fica evidente a construção simbólica de uma sala de aula perfeitamente regradada, composta por alunos empenhados em aprender, sob a tutela de uma professora que atua inspirada, conforme o texto, “nos mais elevados sentimentos do coração humano”.

Ou seja, ao articular a educação e a paixão por aprender e ensinar, imbuindo esses princípios em uma significação ligada à pátria, a página situa o cenário representado como símbolo da educação dada pelo governo, alavancando a imagem de Getúlio Vargas e do Estado Novo. Concomitantemente, à medida que tais princípios são ligados à pátria, acabam, conseqüentemente, evidenciando a intenção de interligar os indivíduos em uma coletividade de aprendizado, revelando, em cada expressão semiótica, a unificação como modo de operação de ideologia presente na página.

5.4 A categoria “Pátria/Civismo”

A última categoria abrange todas as páginas da cartilha que trazem a presença de elementos relacionados à pátria e à civilidade. Pertencem a essa categoria as páginas de número 5, 6, 16 e 20. Destas, foi analisada a página de número 16.

Figura 4 - página 16 da cartilha



Fonte: Museu Getúlio Vargas (2018).

No texto: “De mim, dou-vos a mais absoluta certeza de não faltar à vocação da minha vida, que é servir à Pátria, dia por dia, hora por hora, de minuto a minuto. Não há hesitação no meu espírito. Prefiro ser eliminado, trucidado, pela ferocidade humana, a ceder, uma linha sequer, na execução do programa de reconstrução moral e material do Brasil, dentro dos postulados de sadio nacionalismo que constituem a estrutura do Estado Novo.”.

A página de número 16 é composta pela imagem de um marinheiro lutando em um navio, em meio a um cenário marcado por sangue e pela presença da bandeira nacional. Seu texto pode ser assemelhado a um brado de Getúlio Vargas, objetivando demonstrar e comprovar sua devoção às causas do Brasil. Para além do aspecto icônico, representados, sobretudo, pelo marinheiro e pela bandeira, o sentido da página encontra-se postulado, principalmente, nos níveis de índice e símbolo.

Há, no chão do navio e no machado que o marinheiro segura, sangue – um elemento que, ao passo que é colocado no chão e nas armas, transforma-se em índice de que ocorreu uma luta. Há, também, junto à poça de sangue, uma espada caída: um elemento icônico que,

ao estar posicionado no chão, junto ao sangue, sugere que o marinheiro representado venceu um inimigo. A mesma relação de ideias pode ser atribuída ao fato de haver sangue no machado do marinheiro. A bandeira nacional, ao estar presente no cenário, sugere a noção de que a luta que está acontecendo é em prol do Brasil.

Todos esses elementos, articulados a um texto que explicita a total disposição de Getúlio Vargas de lutar – e, até mesmo, morrer – pelo Brasil, agregam a constituição de sentido ligada ao marinheiro que luta bravamente, à imagem do presidente. Ainda nesse sentido, fechando a produção de significação, não é arbitrária a escolha de um marinheiro representado na imagem. Por convenção social, marinheiros são homens corajosos, que vão até o fim por seus objetivos, podendo ser considerados símbolos, além da própria coragem, de força, destreza e perseverança. A ilustração, em conjunto com a atmosfera dada pelo texto, aproveita-se da simbologia em que a profissão de marinheiro está envolta, transferindo-a, a exemplo do que acontece com os índices, para a figura de Getúlio. Informa, ao fim, implicitamente, que, assim como um marinheiro, o presidente iria até o fim pelo seu objetivo: a execução do programa do Estado Novo.

Centralizando o discurso e o sentido em torno da personalidade do presidente, posicionando-o como um homem de coragem que morreria pela pátria, a página 16 da cartilha torna Getúlio um ponto em comum de esperanças pelo bem da nação. Ou seja, em um nível simbólico, o modo de operação de ideologia presente na página é a unificação, transformando o presidente em “uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva” (THOMPSON, 2002, p. 86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver a presente pesquisa foi de grande valia, primeiramente, em sentido de aprimoramento pessoal, e, primordialmente, em sentido daquilo que fica, a partir das impressões e informações obtidas, para a academia e o estudo da publicidade atrelada à política. A semiótica peirceana proporcionou ferramentas variadas para análise do aspecto imagético das páginas, ao passo que seus conceitos de ícone, índice e símbolo adaptaram-se, com precisão, à composição das imagens. Desse modo, permitiu a obtenção de considerações importantes tanto sobre a representação de objetos – como a bandeira nacional e uniformes – quanto das figuras humanas e as ações que eram retratadas desempenhando – a exemplo de Getúlio Vargas interagindo com crianças.

Os modos operacionais de ideologia de Thompson revelaram-se de grande auxílio para a percepção de como absolutamente nenhum elemento constitutivo das páginas foi arbitrário. Muito pelo contrário, é possível afirmar, ao final dessa pesquisa, que a cartilha é um material integralmente ideológico, em todos os seus sentidos e finalidades.

Outro aspecto que fica claro é a frequência da unificação como modo operacional de ideologia – o que também acontece nessa última categoria. Esse é um dado de extrema importância, pois permite afirmar que uma das estratégias utilizadas por Getúlio Dornelles Vargas para obter a aceitação e a simpatia de pessoas de todas as classes sociais foi situá-las dentro de uma mesma unidade – a partir de uma perspectiva nacionalista de pátria. Foi possível articular, a partir das teorias e da metodologia, satisfatória base de análise do objeto de estudo e observação dos resultados, além da conclusão dos objetivos propostos. Getúlio Vargas e, conseqüentemente, o Estado Novo e o DIP utilizaram, com maestria, a Propaganda a seu favor, em seu caráter mais puro e conotativo.

REFERÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA (Rio de Janeiro, RJ). *A Juventude No Estado Novo*. Rio de Janeiro, 1937-1945.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012

NETO, Lira. **Getúlio: Do Governo Provisório à Ditadura do Estado Novo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.